

Kalbarczyk, Alexander, *Predication and Ontology. Studies and Texts on Avicennian and Post-Avicennian Readings of Aristotle's Categories*, (Scientia Graeco-Arabica, 22) De Gruyter, Berlin 2018, 344 pp.; ISBN 9783110591972.

Alexander Kalbarczyk tem vindo a estudar nos últimos anos a lógica e a filosofia da linguagem nos autores árabes medievais no âmbito de um projeto conjunto da Universidade Ruhr-Bochum e da Universidade de Cambridge intitulado

«Major issues and controversies of Arabic logic and philosophy of language». Este livro enquadra-se nesse projeto. Faz ele parte de uma coleção, organizada por Marwan Rashed (Université Paris-Sorbonne – Paris IV), de estudos e textos sobre a receção da filosofia antiga no mundo árabe.

Como é habitual nesta coleção, Alexander Kalbarczyk intercala estudos sobre problemas fundamentais da leitura aviceniana das *Categorias* de Aristóteles com a edição crítica, acompanhada de uma tradução para o inglês, dos textos relevantes onde esses problemas são aflorados. Os textos apresentados não são apenas textos de Avicena, mas também de alguns autores mais tardios que receberam a influência de Avicena, seja para segui-lo, seja para criticá-lo ou transformá-lo criticamente, tais como al-Allama Al-Hilli, entre outros.

É certo que a grande maioria dos estudos e textos de Kalbarczyk se funda na parte do chamado *Livro da Cura* (*Kitab as-Sifa*) dedicada às *Categorias* (*al-Mantiq, Al-Maqlat*), mas é também certo que há uma leitura genética das diversas obras de Avicena em que um mesmo problema é trabalhado, numa tentativa de mostrar uma evolução do seu pensamento. Para aqueles que, como nós, não estão familiarizados com toda a produção literária do filósofo persa, muito menos com as diversas escolas de pensamento árabes, este livro pode tornar-se difícil de acompanhar. De facto, é um livro claramente destinado aos especialistas, havendo nele diversas contendas com interpretações de grandes nomes dos estudos árabes e avicenianos como Dimitri Gutas e Richard Bodéüs. Um leigo na matéria acaba por perder-se no labirinto de textos e autores referidos.

Seguindo sempre a estrutura mencionada – estudo de um problema, seguido dos textos fundamentais –, o livro divide-se em quatro secções. A primeira secção diz respeito ao problema do âmbito das *Categorias*, isto é, o problema do seu enquadramento teórico na lógica ou na metafísica. Efetivamente, não foi Aristóteles que estabeleceu o chamado *Organon*, nem diz em parte alguma que as *Categorias* dizem respeito à lógica. Mais ainda, não define em parte alguma se a sua lista das categorias diz respeito a palavras, a conceitos, a coisas reais, ou a algum tipo de conjugação destas várias abordagens possíveis. Avicena recebe da tradição heleenística neoplatónica a ideia de que as *Categorias* dizem respeito às expressões significantes simples, as quais servem de introdução à lógica e também a toda a filosofia. Contudo, como aponta Kalbarczyk, o autor persa não aceita esta interpretação e vai-se demarcando gradualmente das convenções dos neoplatónicos, acabando por considerar que as *Categorias* devem ser excluídas do currículo lógico. Há uma evolução da sua posição ao longo da sua produção literária.

Na segunda secção, estuda-se em detalhe a divisão que dá origem ao chama-

do quadrado ontológico, baseada em dois critérios: ser dito de um sujeito e estar num sujeito. Kalbarczyk revisita o problema da compatibilidade entre as *Categorias* e a estrutura hilemórfica da substância apresentada na *Metafísica*, mostrando, de seguida, uma dessas propostas de compatibilização presente em Averróis. A partir destas bases, regressa a Avicena e, mais uma vez, mostra que houve um percurso intelectual até uma posição madura, a qual, neste assunto em particular, se encontra no *Livro da Cura*. Termina o seu estudo com a influência de Avicena em autores futuros, algo que se repercute na subsecção de textos, onde, após traduzir passagens de *al-Muhtasar* e do *Kitab as-Sifa*, apresenta um texto de al-Lawkari. A conclusão a que Kalbarczyk chega é que Avicena acaba por evitar utilizar os dois critérios que dividem o quadrado ontológico para fazer uma divisão dos seres. Em vez disso, desloca os critérios para outro propósito: classificar a relação entre um atributo (*sifa*) e a coisa caracterizada por esse atributo (*mawsuf*). De acordo com o autor deste livro, as consequências, caracterizadas como vantajosas, deste deslocamento são duas. A primeira é o facto de Avicena evitar uma confusão comum entre acidentes e predicados acidentais, por um lado, e entre substâncias e predicados essenciais/substanciais, por outro. A segunda é o facto de descartar, neste contexto, uma divisão entre universais e particulares, havendo uma leitura semântica dos dois critérios, que são critérios de predicação, não ontológicos, que servem para distinguir predicados essenciais e acidentais. Este passo conduziu a que o quadrado ontológico não tivesse um papel significativo na filosofia islâmica oriental (exclua-se Averróis, portanto).

A terceira secção trabalha profundamente o problema da sistematização, ou justificação, do esquema das dez categorias. Efetivamente, os autores de língua árabe receberam da tradição, através da influência das perspectivas de Amónio e Temístio, uma tentativa comum, que se repercute também noutras tradições, de sistematizar a lista aristotélica de dez categorias através de uma via divisiva que demonstre a sua completude e justeza. Esta *diairesis* das categorias, no mundo de língua árabe, começa por distinguir substância (ou sujeito) e acidente (ou num sujeito). De seguida, divide o acidente em relativo e absoluto. O absoluto, por sua vez, dividir-se-ia em quantidade e qualidade, equivalente à divisão entre divisível e indivisível. As restantes seis categorias eram vistas como composições entre as substâncias e os três acidentes anteriormente descritos: da conjugação da substância com a quantidade, encontrar-se-ia o onde e o quando; da conjugação da substância com a qualidade, o agir e o padecer; da conjugação da substância com a relação, o ter (ou a posse, ou hábito) e a posição. Como é sabido, Avicena é um dos críticos deste tipo de abordagem. Alexander Kalbarczyk começa este

estudo por apresentar detalhadamente as posições de Amónio, João Filópono e Olimpiodoro (por meio da versão de um presumível David, ou Elias...), que são todas elas versões da *diairesis* anteriormente descrita. Apresenta igualmente a versão temistianiana da *diairesis*, a qual se encontra presente na paráfrase erradamente atribuída a Agostinho de Hipona denominada *Categoriae decem*, que se baseia na tríade intrínseco vs. extrínseco vs. parcialmente intrínseco, parcialmente extrínseco. Depois deste levantamento das fontes do problema, mostra como, no *Livro da Cura*, Avicena faz duas coisas que, aparentemente, parecem chocar entre si. Por um lado, afirma que este tipo de divisão não tem valor e que é impossível provar que as dez categorias não podem ser menos ou mais em número. Por outro lado, não deixa de tentar corrigir os esquemas divisivos que recebe da tradição, de modo a torná-los mais perfeitos e justificados. Kalbarczyk lê esta tentativa como uma conjugação entre a abordagem amoniana e a abordagem temistianiana. Mostra igualmente que noutras obras, uma em árabe (*Ta'liqat*), outra em persa (*Danesname*), Avicena esquematiza os acidentes de um modo alternativo e, de acordo com o autor, menos exigente, assumindo o carácter descritivo e aproximativo deste tipo de tentativas. A interpretação que sobressai é que Avicena julga que estas tentativas têm apenas o valor de descrever indutivamente alguns aspetos dos conceitos básicos utilizados em metafísica, mas não mais do que isso.

A quarta e última secção deste livro diz respeito à disputa acerca da unidade conceptual das noções de acidente e substância. A secção começa pela descrição aristotélica de acidente como aquilo que se encontra em algo, mas não como uma parte, e que é incapaz de subsistir separadamente daquilo no qual se encontra. Kalbarczyk expõe o modo como Al-Farabi, al-Wahibi e Ibn at-Tayyib justificaram o facto de o acidente, ao contrário da substância, não se constituir como um género, do qual os diversos acidentes seriam espécies. De seguida, compara a posição de Avicena sobre este assunto com a dos seus antecessores. Fá-lo, novamente, mostrando a evolução entre *al-Muhtasar* e o *Livro da Cura*. O que emerge desta comparação é o facto de Avicena distinguir o acidente (*al-'arad*) e o accidental (*al-'aradi*), isto é, as entidades que não são ontologicamente subsistentes e o predicável porfiriano do acidente. O seu desacordo com as propostas dos seus antecessores provém, em grande medida, desta distinção. Acidente, para Avicena, acaba por significar apenas que em todos os géneros dos acidentes existe uma relação de dependência relativamente àquilo no qual estes se encontram, mas isso não constitui qualquer tipo de unidade genérica, nem define a sua quiddidade ou natureza. De seguida, Kalbarczyk expõe a história do debate sobre a unidade da noção de substância desde a refutação de Plotino, na sexta *Enéada*, até aos

sucessores de Avicena, mostrando, assim, que o autor persa constitui um marco na questão. Aquilo que é particularmente relevante na posição de Avicena é o facto de este considerar, contra Plotino, que o facto de haver substâncias simples e compostas, corpóreas e incorpóreas, no plano da existência, não retira a unidade genérica à noção de substancialidade como „ser não num sujeito“. Deste modo, ainda que no plano da existência, haja substâncias que instanciam melhor, ou de um modo mais primário, esta propriedade do que outras, isso não impede que haja um género comum a todas elas. Depois desta resposta de Avicena, há nos autores posteriores de língua árabe uma controvérsia grande em torno desta questão. Para ilustrá-la, Kalbarczyk apresenta uma questão de Rukn ad-Din b. Sarafsah al-As-tarabadi, discípulo de Nasir ad-Din at-Tusi e também a refutação de Fahr ad-Din ar-Razi de que a substância é um género.

O livro termina com uma breve síntese, voltando ao início, de certa maneira. A leitura geral da recepção das *Categorias* em Avicena proposta por Kalbarczyk consiste no seguinte: ao longo das várias obras nas quais Avicena comenta ou faz uso dos conteúdos das *Categorias*, há uma cada vez maior aperceção de que o seu lugar não pode ser nos currículos da lógica. Confessamos o nosso estranhamento, dado que o livro encerra em si muitos maior conteúdos do que aqueles que esta síntese aparenta. Mas, evidentemente, trata-se de um pormenor. O livro de Kalbarczyk é extremamente rico, minucioso e apresenta aos leitores – com grande dificuldade para aqueles que não são versados na tradição filosófica islâmica medieval, como já tivemos a oportunidade de dizer – uma visão detalhada do modo inventivo como Avicena lê e utiliza o texto aristotélico para estabelecer algumas das suas teses metafísicas fundamentais. Fica também patente a riqueza da tradição filosófica islâmica, cuja dificuldade de acesso para o leitor ocidental só pode ser minorada através de trabalhos deste género, onde se conjuga o estudo com a edição e tradução das obras.

Mário João Correia
(Instituto de Filosofia da Universidade do Porto.
Bolsheiro de doutoramento FCT)